

## A superação da facticidade e da objetividade em crônicas de futebol

[Andrêya Garcia da Paixão Morgado](#)\*

**Resumo:** Gênero vinculado ao jornalismo, a crônica tem a superação das características essencialmente jornalísticas como um dos aspectos apontados, no âmbito dos Estudos Literários, como fundamentais para que seja considerada literária. Este artigo visa a analisar os recursos expressivos e a elaboração de três crônicas, as quais têm como tema o futebol. Manifestação cultural e esporte popular no Brasil, o futebol é assunto constante da mídia e as crônicas de futebol são, além de bastante numerosas, um dos espaços mais abertos à subjetividade no jornalismo.

**Palavras-chave:** crônica, literatura, futebol.

**Abstract:** Genre linked to the journalism, the chronicle has the transcending of the essentially journalistic characteristics as one of the pointed aspects, in the extent of the Literary Studies, as fundamental so that it is considered literary. This article seeks to analyze the expressive resources and the elaboration of three chronicles, which have as theme the soccer. Cultural manifestation and popular sport in Brazil, the soccer is constant subject of the media and the soccer chronicles are, besides quite numerous, one of the more spaces open to the subjectivity in the journalism.

**Keywords:** chronicle, literature, soccer.

---

\* Mestranda em Letras – Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina.

Manifestação cultural que permeia o cotidiano brasileiro, o futebol é assunto diário na mídia e aparece como tema em várias obras literárias. Na mídia, são inúmeros os jornalistas, ex-jogadores e especialistas no assunto que escrevem sobre o esporte. Escritores também profissionais ou colaboradores do jornalismo, Lima Barreto, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Nelson Rodrigues, Edilberto Coutinho, Mário Filho, Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Affonso Romano de Sant'Anna, João Cabral de Melo Neto, Luis Fernando Veríssimo, José Roberto Torero, Roberto Drummond... são alguns dos que fizeram prosa ou poesia com o futebol.

Gênero híbrido, arte literária e jornalismo; na mídia, a crônica é que trata o esporte com mais subjetividade do que as matérias e reportagens; na literatura, é o gênero em que mais aparece o futebol como temática. Dessa maneira, torna-se interessante investigar textos que registrem e recriem fatos e impressões desse esporte, verificando, no jornal e no livro, a postura do cronista, o tratamento do tema, o nível de subjetividade e os efeitos estéticos apresentados pelos textos, observando como esses recursos são importantes para a superação da facticidade nas crônicas.

### **Crônica e futebol**

Ligada à vida cotidiana, a crônica é o espaço discursivo no qual o cronista registra sua visão da vida, das pessoas, das práticas culturais, comportamentos e fatos. Esse registro caracteriza-se, grosso modo, pela informalidade, sensibilidade no contato com a realidade, brevidade e leveza. Entretanto, diferentes textos revelam diferentes níveis dessas características em sua composição, sendo os que transcendem o factual e a objetividade – características do texto jornalístico – os considerados mais instigantes do ponto de vista literário, pois a crônica “tem como principal problema, para se transformar num gênero literário propriamente dito, libertar-se de suas limitações jornalísticas.” (Portella, 1958, p. 114).

Também no caso das crônicas cuja temática é o futebol, é possível separar, de um lado, textos predominantemente técnicos e/ou informativos e, de outro lado, ficariam os textos marcados por informalidade e tom de bate-papo, alguns com uma carga de subjetividade e superação do factual, da referencialidade e da automatização do uso da língua, em maior ou menor nível.

Na segunda fase do projeto “Afinidades da crônica brasileira: particularidades e confrontos”, coordenado pelo professor Luiz Carlos Santos Simon na Universidade Estadual de Londrina (UEL), foram pesquisados textos de cronistas consagrados e recolhidos textos de cronistas que escrevem atualmente em revistas semanais e mensais e jornais de vários estados brasileiros. A pesquisa, além de mostrar uma grande quantidade e atrativa qualidade de cronistas, mostrou o número significativo de cronistas que têm o futebol como assunto principal e/ou exclusivo. É interessante notar que, apesar de a maior parte dos escritos referentes a futebol ter caráter técnico e/ou informativo, a subjetividade e a sensibilidade ainda encontram espaço.

Escolhemos, para esse trabalho, textos da coluna “Boleiros”, um espaço do jornal *O Estado de São Paulo* em que são publicadas crônicas voltadas exclusivamente para o assunto futebol. Nessa coluna, sete cronistas escrevem, um a cada dia da semana. Como comentado anteriormente, há crônicas informais e subjetivas, em maior ou menor grau. Para discutir – brevemente – os textos que falam de futebol, foram escolhidos, da citada

coluna, dois textos de cronistas diferentes. Também foi selecionada para a discussão uma crônica de um cronista consagrado, já publicada em livro. Esta servirá não de modelo ou ideal de crônica, mas sim de parâmetro para a discussão dos níveis, já indicados, geralmente tratados pelos Estudos Literários como caracterizadores, no gênero em questão, de superação da facticidade do jornalismo objetivo. As crônicas escolhidas: “Craque agora é o diretor”, de Ugo Giorgetti, “Para começar o ano”, de Nando Reis, e “Adoradores da bola”, de Paulo Mendes Campos.

Na crônica, temos um “eu” que se dirige ao leitor e comenta sobre um ou mais assuntos, conta um fato ou uma história. Chamamos, neste trabalho, essa instância enunciativa da crônica de “eu do cronista”. A forma como esse “eu” – que não deve ser confundido com o eu biográfico do cronista – constrói sua subjetividade no texto é a chave para identificarmos sua visão e posição em relação ao tema e ao leitor, sua proximidade com este. Isso e os recursos estéticos usados serão rapidamente analisados nas crônicas a fim de verificarmos a medida da facticidade e da sensibilidade dos textos deste gênero que tratam de futebol.

### **“Craque agora é o diretor”**

A crônica de Ugo Giorgetti faz referência à falta de craques por que passa o futebol brasileiro e as implicações disso nas competições. O eu do cronista inicia a crônica fazendo uma projeção do esporte em 2007: “Para os amantes do futebol, porém, uma previsão ao menos não é muito agradável. Ouso fazê-la assim mesmo” (Giorgetti, 2006). Ele se coloca em primeira pessoa, mas não se inclui, ainda, entre os amantes do futebol.

No segundo parágrafo da crônica, o eu do cronista se dirige ao leitor – “É bem possível, meu amigo, que seu time caia para a série B em 2007” (Giorgetti, 2006). Isso ocorre em todo o texto, sendo a função conativa destacada no texto. A “conversa” com o leitor inclui instruções, inseridas a partir do quarto parágrafo: “Preste atenção no seu clube. Observe seu treinador. Veja se ele é comprovadamente competente” (Giorgetti, 2006). O eu do cronista lida com o leitor como se estivesse orientando-o sobre como torcer e o que fazer no ano que chega.

No terceiro parágrafo, a tese do eu do cronista – de que qualquer time pode ser rebaixado para a série B do Campeonato Brasileiro, explicitada no segundo parágrafo – começa a ser defendida.

O Brasileiro já faz tempo se tornou um torneio disputado praticamente só por grandes clubes. A maioria tem teoricamente condições de disputar o título, mas tem as mesmas condições para despencar para a Série B. O futebol brasileiro está empobrecido de craques e esquadrões, portanto as superioridades se dão fora do campo, na organização das equipes, na capacidade dos treinadores e na competência dos diretores.

Num campeonato tão equilibrado qualquer erro pode ser fatal. Se um clube começa muito mal, se a moral despencar, o já limitado elenco pode entrar em processo de ansiedade e angústia e nesse estado está a um passo do abismo da Série B. Uma ou duas contratações equivocadas e é o suficiente. Uma troca de treinador precipitada e lá está o fantasma da Segundona. Isso, repito, pode acontecer com qualquer um dos clubes que disputam o brasileiro (Giorgetti, 2006).

A longa citação torna mais clara a análise. O eu do cronista comenta, mesmo com linguagem informal em um ou outro momento, de maneira bastante técnica o esporte. Ou seja, a postura é a de um especialista que alerta ao leitor-torcedor sobre a situação dos times no campeonato brasileiro. A referencialidade é grande e continua assim em toda a crônica.

O quarto parágrafo, conforme já citado, tem as instruções para o leitor acompanhar o futebol em 2007. A linguagem continua técnica e a opinião do eu do cronista se explicita, reforçando sua tese: “Já se sente certa exaustão no tão falado celeiro de craques que é o Brasil” (Giorgetti, 2006). No parágrafo seguinte, em que o leitor recebe a instrução de rezar “para que seu treinador saiba 'montar uma equipe'.” (Giorgetti, 2006), o eu do cronista explica, tecnicamente, o que é saber montar uma equipe.

Nesse parágrafo há a inserção de um fato particular, quando da citação do caso do clube gaúcho Internacional:

Mesmo campeão mundial, outro dia um amigo, depois de um gole de chope, fez observação curiosa: 'Você reparou na defesa do Inter? Clemer estaria entre os melhores goleiros do País? E Índio, que foi dispensado do Palmeiras? E Fabiano Heller? Também dispensado do mesmo Palmeiras (Giorgetti, 2006).

Ao que o eu do cronista completa, afirmando que a mudança no Inter foi provocada, na verdade, por alterações na diretoria do clube. Ele encerra, dirigindo-se novamente ao leitor, para que este fique atento porque “o craque do seu time vai ser o diretor do Departamento de Futebol” (Giorgetti, 2006). O sujeito que comenta mostra-se, no texto, como um especialista no assunto, que detém autoridade para ironizar o assunto. A subjetividade é restrita ao uso da primeira pessoa e à explicitação da opinião da instância enunciativa; o olhar do cronista é lançado ao esporte por uma perspectiva técnica, distanciada e objetiva. Além disso, o texto apresenta alta referencialidade e dependência dos fatos para ser compreendido. O interessante da crônica fica por conta da relação intertextual com as práticas discursivas referentes à previsão do futuro, pois o modo como o eu do cronista fala com o leitor se apropria da forma destes textos: a previsão, as instruções.

### **“Para começar o ano”**

Na crônica de Nando Reis, o eu do cronista comenta sobre o costumeiro “bater bola” dos brasileiros. Apresenta-se em primeira pessoa, mas só no segundo parágrafo: “Não sei se é o sentido da distração, do entretenimento ou o instinto da competição que abunda no sangue de todos nós em maior ou menor grau” (Reis, 2007). A marca do sujeito aparece uma vez em primeira pessoa do singular e o restante em primeira pessoa do plural, seja em pronomes pessoais, possessivos, seja nas desinências dos verbos.

A informalidade é esparsa: “pronto, está feita a festa”, “Todo mundo bate bola” e “Está perto da gente”. O recurso mais constante é a comparação e a escolha vocabular visa a um efeito poético, parecendo haver uma perspectiva estética em relação ao futebol, o que se confirma apenas no plano da linguagem.

A crônica mostra que o futebol, para o eu do cronista, é uma atividade entre inata e automática para os brasileiros: “A aptidão para o esporte é inata, é genética, é vital [...] o brasileiro é um futebolista de berço” (Reis, 2007). Tendo especificado que não estará falando de forma generalizada do ser humano, mas sim dos brasileiros, ele reforça a idéia com comparações feitas em outro trecho:

[...] a idéia de conduzir uma bola até o gol que no horizonte se avizinha soa tão lógica e natural quanto levar uma colher de arroz à boca ou espantar um pernilongo que nos azucrina rodeando a cabeça pousada no travesseiro ou picando, insistente, a perna. Certas coisas não é preciso que nos ensinem, nascem com a gente, vêm entre os genes (Reis, 2007).

Apesar de incluir-se entre os que teriam o futebol nos genes, ou seja, na crônica, todos os brasileiros, o eu do cronista, em nenhuma passagem do texto, conta uma experiência sua com o esporte. O máximo a que chega é citar que se passarmos as férias em Ubatuba (como ele?), comprovaremos suas afirmações: “Passando férias em Ubatuba, é fácil constatar: basta ver um metro livre de um guarda-sol na areia, que logo se aglutinam dois ou três indivíduos com uma bola e começam a se movimentar” (Reis, 2007). A subjetividade do eu não é construída em relação estreita com o esporte, mas sim há o esboço da imagem de alguém que gosta apenas de observar o futebol como prática cultural e a relação dos outros com ele.

O distanciamento entre o eu do cronista e objeto sobre o qual comenta se repete no decorrer do texto: “Perder a noção do tempo jogando bola é um remédio para a prisão da vida cotidiana. É fundamental que cada um de nós possa se sentir livre para ser um Pelé” (Reis, 2007). É perceptível o apreço do eu do cronista em relação ao futebol e a sua função lúdica; no entanto, não fica claro se ele também perde a noção do tempo jogando bola ou se sente livre para ser um Pelé; fica explícito apenas que ele considera isso muito importante para o homem conseguir tornar mais suave sua rotina. Pode-se afirmar, logo, que o apreço pelo esporte não inclui a prática para o eu do cronista, pois ele posiciona-se como observador:

[...] observar é apreender o gesto como forma sublime, força oculta e divina que nos faz querer ser aquele que somos, como segredo escondido, até que renascemos nos outros, alheios e emprestados. A admiração é uma forma de incutir na realidade um parâmetro de adição entre a constatação de um limite oposto ao desejo de fazer possível aquilo que só foi conhecido através da aquisição por imagem. Exemplos alargam as margens do rio onírico (Reis, 2007).

Enfatizando a importância de se observar e a carga identitária dessa ação, o eu do cronista investe-se de autoridade para comentar o esporte, seja do ponto de vista estético – “Em cada pique épico que traça o risco aéreo há o simulacro de um Romário invencível” (Reis, 2007) – seja de uma perspectiva analítica: “Bater uma bola pode ser uma experiência sobrenatural e de alta ebulição do espírito. Uma espécie de droga natural, descarregada no organismo, alimentando de originalidade o extrato químico-psíquico” (Reis, 2007).

Foi possível verificarmos que as comparações e conceituações são os recursos utilizados para elaborar o comentário acerca do tema. O futebol é visto, mesmo que distanciadamente, pelo eu do cronista, por um prisma subjetivo, em que mesmo os aspectos sociológicos (como a função lúdica) são descritos de maneira poética. Não há a dependência de eventos específicos; o tempo é o presente atemporal do objeto observado, o esporte. Dessa forma, a crônica não se prende ao factual e a função poética da linguagem é bem utilizada.

### **“Adoradores da bola”**

Paulo Mendes Campos não escrevia exclusivamente sobre futebol. O esporte foi tema de alguns textos seus, reunidos por Flávio Pinheiro, recentemente, no volume *O gol é necessário*, da editora Civilização Brasileira. A crônica em questão trata da paixão dos homens pelo futebol.

O eu do cronista se apresenta na primeira pessoa do plural no texto todo, sendo a primeira ocorrência no segundo parágrafo, no qual ele explora a imaginação para ampliar a afirmação feita no primeiro parágrafo de que “O brinquedo essencial do homem é a bola” (Campos, 2002, p. 17):

Um psicólogo do futebol imagina a seguinte cena: meninos jogam na rua; a bola sobra para o cavalheiro que passa. Que fará o austero transeunte? Ficará indiferente? Devolverá a bola com as mãos? Já vimos todos nós o que ele irá fazer: o homem, sem perder a gravidade, rebate a bola com o pé, aparentemente para prestar um serviço à garotada, mas na verdade porque não resiste ao elástico e impulsivo prazer de dar um chute. É sempre um grande prazer, uma das coisas agradáveis da vida, dar um chute na bola, sobretudo quando conseguimos colocá-la na meta almejada (Campos, 2002, p. 17).

A imagem elaborada ilustra e reforça a afirmação feita anteriormente. O eu do cronista ainda se inclui, primeiramente entre os leitores que estão, a partir do texto, imaginando também a cena e que podem ter já presenciado uma semelhante e, depois, entre os que sentem prazer com prática da atividade futebolística.

No terceiro parágrafo, o eu do cronista busca argumentos de autoridade para justificar ainda mais firmemente sua afirmação. Não são, contudo, argumentos objetivos. Ele recorre ao poeta Rilke – “[...] Rilke intuiu bem os símbolos contidos na bola e no jogo da bola: a lei da gravidade e a liberdade do vôo são valores atuantes da realidade humana” (Campos, 2002, p. 17) – e ao pedagogo alemão Friedrich Fröbel – “Fröbel havia escrito: ‘A esfera é para mim um símbolo da plenitude realizada; é o símbolo de meus princípios fundamentais de educação e de vida’” (Campos, 2002, p. 17). Eles não falaram de futebol, mas o eu do cronista usa suas idéias para provar que o futebol é a atividade lúdica essencial ao homem.

A partir do quarto parágrafo, o comentário é particularizado e o leitor tem acesso à experiência do eu do cronista, via narração de fatos acontecidos com este. O eu do cronista se apresenta, conforme podemos ver no texto, como o narrador que compartilha o seu vivido, pois “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 1994, p. 201). Com a série de relatos, é construída a imagem de um homem apaixonado pelo futebol, cuja relação emotiva com o esporte é intensa. Esse sentimento e sua experiência são partilhados com o leitor por meio da narração: “As nossas peladas adultas começaram há mais de vinte anos no quintal dum apartamento térreo em Ipanema” (Campos, 2002, p. 18). Ele se apresenta, a partir desse trecho, com um “nós” que se refere a ele e a pessoas de sua convivência, que também jogam futebol, identificados no final do texto como “veteranos” (Campos, 2002, p. 20).

A primeira narrativa se refere a um “companheiro nosso, zagueiro de recursos” (Campos, 2002, p. 18) que reservou parte de um loteamento de uma propriedade sua para fazer um campo de futebol. O eu do cronista explica que “os que não entenderam o nosso campo tinham perdido irremediavelmente (danem-se) a infância. A infância é apenas isto: a sensação de que viver é de graça” (Campos, 2002, p. 18). Há mobilidade

temática; o olhar subjetivo vai além do esporte e chega à poeticidade da definição própria para a infância.

O eu do cronista, já estabelecido também como narrador, conta sobre a oposição que ele e seus colegas de pelada tinham sofrido pela insistência em jogar e que eles mesmos passaram “a inventar as desculpas que fossem tranqüilizando os outros [...] Também eu, com pusilanimidade, escrevi por aí que estávamos correndo atrás dum restinho de infância – o que é apenas parte da verdade” (Campos, 2002, p. 19). A força da relação emocional com o futebol é novamente marcada nesse trecho, quando o eu do cronista revela, ao leitor, a verdade sobre si: “A verdade integral é a bola. O futebol paixão. Esse amor que faz um homem de quarenta e tantos anos sofrer o sono da fadiga para rememorar em câmara lenta o gol de cobertura que fez pela manhã” (Campos, 2002, p. 19).

O sujeito se mostra e se constrói no texto; sua imagem de adorador da bola é desenhada pela explicitação de sua paixão pelo futebol. Nos dois parágrafos posteriores, uma categorização dos homens conforme o tamanho de sua paixão pelo esporte é feita, numa comparação com a relação do homem com o álcool, objetivando comentar a ligação de outros adoradores da bola com o futebol, no sentido de uma identificação do eu do cronista com esse grupo. Depois, outros eventos são narrados com vistas ao mesmo fim:

Conheço um que voou de Paris para Roma a fim de pegar o avião que o depositasse no Rio a tempo de apanhar nosso torneio dominical. Outro convidado para apadrinhar um casamento em tarde de sábado, foi rude, porém sincero, colocando a noivinha nesta sinuca: um presente de duzentos no sábado ou um cheque de mil se o casamento fosse transferido para outro dia da semana. Um terceiro dava um vestido caro à mulher (a própria), contanto que ela o deixasse agarrar no gol no fim de semana, em vez de subir para as elegâncias de Petrópolis (Campos, 2002, p. 19-20).

Os relatos já citados e esses demonstram que o eu do cronista se constrói como sujeito no texto, identificado como um adorador da bola. Sua experiência e sua relação pessoal com o esporte aproximam-no do objeto de seu comentário e, com isso, do leitor que se identifica com a paixão dele pelo futebol e/ou com a explicitação de uma paixão assim. Até mesmo o grupo dos que não aprovam a atividade e a paixão do eu do cronista está presente no texto, sendo um de seus interlocutores: “Às vezes, línguas más dizem que estamos fazendo o vestibular para o Asilo São Luís. Pouco nos importa. Estejam todos certos de que levaremos uma bola para o pátio do asilo.” (Campos, 2002, p. 20).

As imagens, a narração da experiência, a mobilidade temática, o não apego a fatos – pois os eventos são usados como elementos da identidade do eu do cronista – o humor dos relatos e a proximidade do eu do cronista com o tema e com o futebol são recursos expressivos e constitutivos da subjetividade do texto. Isso torna, de fato, o texto caracterizado pela superação da facticidade, pela função emotiva e poética da linguagem destacada, pela leveza e mesmo sensibilidade.

### **Considerações finais**

Verificamos que a crônica de Ugo Giorgetti é um texto majoritariamente objetivo e ligado aos fatos recentes, sendo a postura do eu do cronista técnica e jornalística. Foi possível constatar, por outro lado, que a crônica de Nando Reis e a de Paulo Mendes Campos, embora diferentes, destacam-se pela elaboração poética da linguagem e superação da facticidade.

O trabalho com esses textos pôde mostrar, embora a discussão tenha se limitado a um *corpus* pequeno, que as crônicas, inclusive aquelas cujo tema principal é o futebol, têm a possibilidade de superar a excessiva referencialidade e objetividade por meio de recursos lingüísticos e do olhar subjetivo para o tema, visto que “A crônica será tanto mais literária quanto mais fugir às exigências do espírito da reportagem, atingindo o melhor de sua realização formal quando consegue fundir os supostos contrários – a literatura e o jornalismo...” (Coutinho, 1986, p. 134).

---

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPOS, Paulo Mendes. Adoradores da bola. *In: O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 17-20.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. 6, 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

GIORGETTI, Ugo. Craque agora é o diretor. *In: O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 dez. 2006. Disponível em: <[www.estado.com.br](http://www.estado.com.br)>. Acesso em: 15 fev. 2007.

PORTELLA, Eduardo. **Dimensões I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

REIS, Nando. Pra começar o ano. *In: O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 jan. 2007. Disponível em: <[www.estado.com.br](http://www.estado.com.br)>. Acesso em: 15 fev. 2007.